



MOBILIDADE INTERNACIONAL DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS E TERRITÓRIO: O CASO DOS ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL NO PROGRAMA CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS¹

**Mizael Dornelles
Grazielle Betina Brandt**

Resumo

O questionamento “Quais os efeitos da mobilidade internacional de jovens universitários em seu território de origem?” norteou este estudo. Privilegiamos uma abordagem qualitativa de cunho descritivo. Os dados apresentados permitem reflexões sobre o tema, além de perceber se a mobilidade internacional com fins educacionais vem ganhando força em determinados grupos sociais.

Palavras chave: Mobilidade internacional. Jovens universitários. Território.

1 Introdução

A mobilidade internacional de jovens universitários é percebida como uma forma de migração que favorece a aprendizagem e promove a integração social e profissional. Nesse sentido, questionamos “Quais os efeitos da mobilidade internacional de jovens universitários em seu território de origem?” Cabe esclarecer que a noção de território de origem implica a complexidade do conceito de território² circunscrita nos limites políticos e administrativos dos municípios. Assim, procuramos com este estudo aprofundar conhecimentos sobre o fenômeno da mobilidade internacional de jovens universitários e os efeitos no território de origem. Utilizamos como referência a participação dos estudantes da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC) no programa Ciência sem Fronteiras (CsF).

A UNISC é uma universidade comunitária com sede no município de Santa Cruz do Sul, no Estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Possui outros quatro campi: nos municípios gaúchos de em Capão da Canoa, Monte Negro, Sobradinho e Venâncio

¹ Este estudo apresenta parte dos resultados do projeto de pesquisa “Mobilidade internacional e territorialidades juvenis: um estudo com universitários na região do Vale do Rio Pardo/RS - Brasil”, realizado de março de 2015 até janeiro de 2017 e financiada pela UNISC.

² Conforme Santos e Silveira (2006, p. 247), “quando quisermos definir qualquer pedaço do território, devemos levar em conta a interdependência e a inseparabilidade entre a materialidade, que inclui a natureza, e o seu uso, que inclui a ação humana, isto é o trabalho e a política”.



Aires. Conta com mais de 12 mil estudantes em 55 cursos de graduação, 34 de especialização, 8 de mestrado e 5 de doutoramento. A universidade foi fundada em 1993, mas teve seu início na década de 1960 com quando foi criada a Faculdade de Ciências Contábeis (1964), os cursos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (1967) e a Faculdade de Direito (1968). (UNISC, 2017). O CsF foi um projeto de nível nacional com vigência no período de 2012 a 2015. A finalidade foi manter contato com sistemas educacionais competitivos em relação à tecnologia e inovação, mediante pagamento de bolsas para estágio no exterior.

Entendemos como oportuno, em um primeiro momento, aprofundarmos o tratamento das proposições e números (2012/2015) relativos ao CsF. Com isso, sinalizamos para a consolidação das desigualdades socioespaciais na distribuição das bolsas pelo país Também buscamos refletir sobre o território a partir de uma perspectiva da mobilidade internacional de estudantes participantes do CsF. Em seguida apresentamos a metodologia para, na sequência, mostrar os resultados relativos ao perfil dos estudantes (características como gênero, idades, períodos de partida e retorno, conhecimentos da língua estrangeira do país visitado, bem como, municípios de origem, média da renda mensal familiar) e um levantamento exploratório da trajetória profissional acadêmica pós-intercâmbio.

2 Mobilidade internacional de jovens universitários e o CsF

Ao analisar o processo de internacionalização do ensino superior brasileiro, a partir de 2012, com o surgimento do programa de mobilidade internacional universitária, o CsF, percebemos que os fluxos de mobilidade acadêmica se intensificaram, mas continuam com desiguais socioespaciais no contexto das grandes regiões do país. É visível, a partir dos dados apresentados mais abaixo no texto, o desempenho de regiões onde tradicionalmente foram constituídas as primeiras universidades, evidenciando a complexidade de análise da internacionalização do ensino superior enquanto política pública.

O CsF foi um programa de mobilidade internacional oferecido pelo Governo Federal brasileiro, que teve vigência entre o período de 2012 a 2015. O programa buscou promover a consolidação, expansão e internacionalização científica e tecnológica do país através da mobilidade de estudantes universitários para instituições estrangeiras de ensino superior. Os órgãos responsáveis pelo programa



foram o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e o Ministério da Educação (MEC), por meio das respectivas instituições de fomento – CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) –, e Secretarias de Ensino Superior e de Ensino Tecnológico do MEC.

Dentre os objetivos do programa, destacamos o investimento na formação de profissionais altamente qualificados nas competências e habilidades necessárias para o avanço da sociedade do conhecimento, a fim de ampliar o conhecimento inovador de profissionais das indústrias tecnológicas do Brasil e atrair jovens talentos científicos e investigadores altamente qualificados para trabalhar no país.

Como o foco do CsF era o desenvolvimento da ciência e tecnologia, os cursos priorizados pelo programa foram os das áreas das Ciências Biológicas e da Saúde e Ciências Exatas, da Terra e Engenharias. Inicialmente, pretendia-se distribuir 101 mil bolsas para estudantes tanto de graduação quanto de pós-graduação das instituições de ensino brasileiras. Deste número, 75 mil seriam financiadas com recursos do Governo Federal e 26 mil seriam financiadas com recursos da iniciativa privada.

Durante os quatro anos de vigência do programa, no entanto, foram concedidas 92.880 bolsas. Dessas, 73.353 foram destinadas a estudantes da graduação, que eram o principal foco do programa. O restante foi destinado a programas de doutorado, doutorado sanduíche, mestrado, pós-doutorado e atração de jovens talentos e pesquisadores, resultando em um total de 19.527 bolsas.

Ao analisar o total de bolsas concedidas por região do Brasil, o Sudeste teve a maior abrangência na graduação, com 37.537 bolsas concedidas, e na pós-graduação, com 6.503 concessões, em detrimento da região Norte, que teve 1.918 bolsas concedidas para a graduação e 238 para a pós-graduação (BRASIL, 2016).

O Sul ocupou a 4ª posição entre as cinco regiões brasileiras no quesito de bolsas concedidas para a graduação, com o total de 14.229, ficando atrás do Nordeste. Para a pós-graduação, no entanto, a região ocupou o 3º lugar, com 2.608 bolsas concedidas, ficando na frente da região Nordeste nesse item (BRASIL, 2016).

A partir dos dados apresentados percebemos que a distribuição de bolsas concentrou-se em universidades da região Sudeste, especialmente nas universidades mais antigas ou tradicionais do país. Nesse sentido, o que poderia ser um fator importante para promover a internacionalização do ensino superior nas diferentes



regiões brasileiras, torna-se um mecanismo para consolidar e ou aumentar as desigualdades socioespaciais existentes. Nessa perspectiva, Moser e Theis (2012, p. 187) partem do pressuposto de que o desenvolvimento brasileiro está assentado em uma dinâmica excludente em termos socioeconômicos, favorecido pelo desenvolvimento científico e tecnológico, em decorrência do maior volume de investimentos em ciência e tecnologia nas regiões Sudeste/Sul, onde as forças produtivas estão mais desenvolvidas.

No contexto nacional, o Rio Grande do Sul foi o quarto estado com maior distribuição de bolsas implementadas pelo CsF, com 6.769 bolsas no total. O estado gaúcho foi o que teve maior número de estudantes no exterior considerando os demais estados da região Sul, visto que o Paraná ocupou o 5º lugar da lista, com 6.470 bolsas concedidas, e Santa Catarina ocupou o 7º lugar, com 3816 bolsas. (BRASIL, 2016).

Já no contexto das instituições de ensino superior gaúchas, as que mais enviaram bolsistas foram a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2.342 estudantes) e a Universidade Federal de Santa Maria (913 estudantes). A Universidade de Santa Cruz do Sul ficou na penúltima posição, com 83 bolsas concedidas, ficando na frente apenas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (BRASIL, 2016).

Levando em conta critérios de universidades comunitárias que participam do Consórcio das Universidades Comunitárias Gaúchas (COMUNG), constatamos que as instituições participantes que mais concederam bolsas foram PUCRS (679), UNISINOS (312), UCS (206), UPF (113), FEEVALE (91) e, por último, a UNISC (83). No caso das bolsas da UNISC, 96% foram destinadas à graduação, o que equivale a 80 bolsas. Os 4% da pós-graduação equivalem a 2 bolsas para doutorado e uma bolsa para doutorado sanduíche.

Vale ressaltar, que no contexto geral do CsF, houve uma participação mais intensa de Universidades públicas se comparada as Universidades privadas, evidenciando a grande limitação em termos de participação e autonomia das Universidades do setor privado. Há que se considerar que o Brasil é um país continental e que a expansão das instituições superiores de ensino privado também é objeto de regulação pelo Estado. De acordo com Moser e Theis (2012) os investimentos em C&T, os dispêndios públicos não empresariais, apresentaram um



aumento significativo entre 2003 e 2010, passando de 11 bilhões de reais, no ano de 2003, para 32,7 bilhões de reais em 2010.

Contudo, o estudo evidenciou ainda que os investimentos em ciência e tecnologia mantém inalteradas as desigualdades socioespaciais que prevalecem no Brasil neste início da segunda década do século XXI, parecendo mesmo favorecer a sua reprodução (Moser e Theis, 2012). Os dados do CsF parecem corroborar com essa premissa, a medida que a distribuição de bolsas para promover o desenvolvimento científico e tecnológico permanece concentrado em instituições de ensino superior concentradas nas UF mais centrais do país, evidenciando que ali se localiza a atividade econômica mais dinâmica do país e conseqüentemente regiões mais atrativas para os jovens que buscam por oportunidades de qualificação e formação profissional.

3 O território

Ao refletir sobre a questão da educação superior e os territórios, buscamos no recorte teórico do geógrafo Milton Santos (1996) uma compreensão sobre as formas de relação entre homem e natureza/meio a partir da técnica, sendo esta definida como um “conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria o espaço” (SANTOS, 1996, p. 16). Nesse sentido, percebe-se que a educação superior tem o potencial de contribuir na produção e reprodução do espaço geográfico. O meio técnico-científico-informacional, ao unir técnica e ciência, expande e consolida o processo de globalização, tendo em vista que representa a atual etapa em que se encontra o sistema capitalista de produção.

Nesse sentido, os jovens universitários, ao realizarem uma experiência de mobilidade internacional com fins educacionais, inserem-se no meio técnico-científico-informacional preconizado por Santos (1996), a medida que carregarem consigo a informação e trabalham a partir dela, o que justifica o potencial desses jovens em transformar o meio geográfico.

Ao introduzir o território na discussão sobre mobilidade internacional de estudantes universitários, reconhecemos este enquanto um ponto nodal no processo de análise da experiência da mobilidade, especialmente ao perceber como o movimento dos jovens contribui para reconstruir a história e o desenvolvimento dos



territórios. Nessa perspectiva, a relação entre mobilidade e território é pertinente para debates acadêmicos recentes no campo do Desenvolvimento Regional. Ou seja, surgem nesse campo novos olhares para compreender as relações entre a sociedade e os territórios, orientados por meio de perspectivas interdisciplinares.

4 Metodologia

A pesquisa foi realizada com jovens oriundos da Universidade de Santa Cruz do Sul, com idade entre 18 e 30 anos, e que realizaram uma experiência de mobilidade internacional a partir do CsF no período de 2012-2015. Nesse sentido, o estudo contemplou uma abordagem de investigação metodológica que objetivou compreender, explorar ou descrever acontecimentos que ocorrem em contextos complexos, nos quais estiveram, concomitantemente, envolvidas como categoria de análise, informações sobre a trajetória dos jovens, seus projetos de vida e a relação que estabelecem com o local de origem após a experiência de retorno.

A amostra selecionada foi não-probabilística, sendo priorizada pela acessibilidade ou conveniência, o que consistiu em selecionar um subgrupo de estudantes universitários representativo, de acordo com os objetivos do presente estudo (GIL, 2009). A escolha dos discentes que participaram do programa de mobilidade internacional via CsF segue alguns critérios, a saber: que estes tenham completado no mínimo 40% e no máximo 80% dos créditos necessários para obtenção do diploma; Que possuem pontuação no ENEM superior a 600, em qualquer instituição; Estudantes que tenham participado de projetos de Iniciação Científica e Tecnológica; Cotas adicionais para Instituições com IGC-4 ou 5 e cursos com; Conceito Preliminar de Cursos de Graduação (CPC) do curso maior.

Entre as técnicas de pesquisa utilizadas, destacamos os dados secundários disponibilizados via Assessoria de Assuntos Internacionais e Interinstitucionais (AAII) da UNISC, que nos permitiu inicialmente identificar esses jovens, além da aplicação de formulário específico com perguntas abertas e fechadas e na sequência a realização de entrevistas semiestruturadas.

A partir dessa sequência, o primeiro passo foi identificar os acadêmicos da UNISC que participaram de atividades ligadas ao programa CsF e na sequência os países de destino desses jovens universitários. A partir de uma lista geral fornecida pela AAII identificamos um total de 79 universitários que participaram do CsF entre os



períodos de 2012 a 2015. Cabe mencionar que as informações de 2015 se referem ao primeiro semestre do ano acadêmico. Nessa lista geral foi possível identificar o curso do acadêmico, o país de destino para realização do intercâmbio, a cidade de origem, o período de realização do intercâmbio e um e-mail para contato.

Na etapa seguinte, solicitamos a esses estudantes via e-mail a resposta de um formulário via *Google Docs*, com perguntas abertas e fechadas, a fim de levantar dados socioeconômicos desses estudantes e informações referentes à participação do programa. Do total de 79 estudantes, durante 2015 foram obtidas as respostas de 26 estudantes. Em 2016, foi realizada uma nova tentativa, reenviando o e-mail com o link disponível para acesso do formulário aos estudantes que ainda não haviam respondido. Após o reenvio, em prazo estipulado até o final de junho de 2016, foram coletadas mais 17 respostas, totalizando 43 respondentes (cerca de 55% do total de estudantes participantes do CsF).

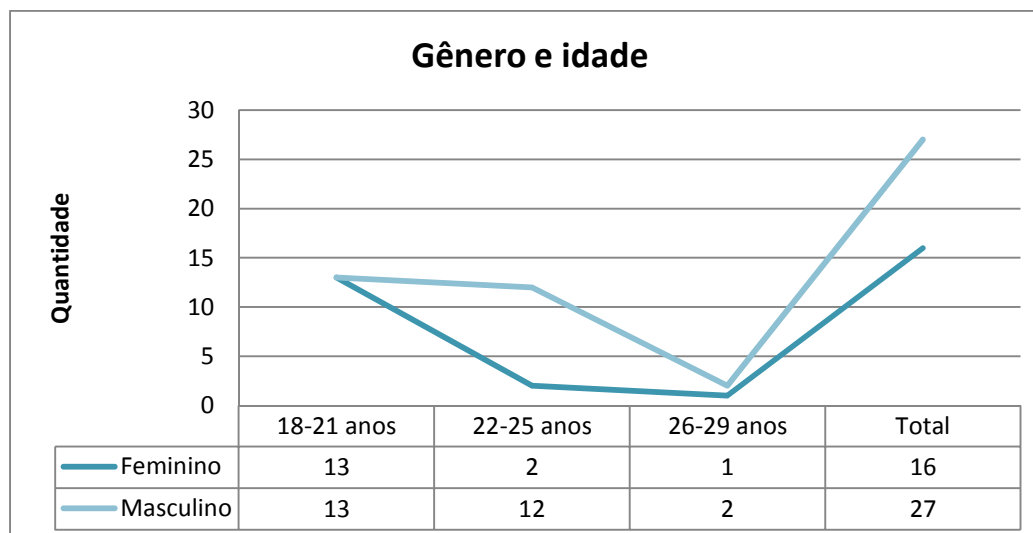
Após a aplicação dos formulários, surgiu o interesse de maior conhecimento sobre a trajetória profissional e acadêmica da totalidade dos jovens que participaram do CsF pela UNISC. Com isso, foi realizada uma análise de dados preliminares obtida por meio dos 43 respondentes do formulário inicial de pesquisa.

5 Jovens universitários da UNISC que participaram do CsF

A partir da análise de dados coletados com base no formulário enviado via *Google Docs* tornamos saliente a análise do perfil dos 43 estudantes respondentes, de um total de 79 estudantes da UNISC que participaram do CsF no período 2012/2015. Em relação a origem, idade e ao gênero dos respondentes, foi possível perceber que a maioria dos jovens, no momento do intercâmbio, tinham idade entre 18 e 21 anos e que a maioria dos participantes eram do gênero masculino, conforme observado no Gráfico 1.



Gráfico 1 – Gênero e idade dos respondentes da pesquisa



Fonte: Elaborado por Gabriela Etges. Dados coletados, 2016.

Os 43 respondentes viajaram entre o período de 2012 e 2016. A partida ocorreu apenas até 2015, quando as bolsas do CsF foram encerradas, mas houve retornos em 2016. O período em que os estudantes mais saíram do Brasil foi no ano de 2014, quando 18 estudantes (42% do total) partiram ao país de destino, conforme é mostrado no Gráfico 2. Já os retornos foram, em sua maioria, em 2015, quando 17 estudantes retornaram.

Ao analisarmos o perfil dos respondentes, percebemos uma participação maior de homens do que de mulheres. Os dados gerais do CsF para o conjunto do Brasil mostram que das bolsas implementadas por gênero, houve uma diferença geral de 11.299 bolsas no país entre homens e mulheres, sendo a participação das mulheres (com total de 40.488 bolsas) inferior a dos homens (51.787 bolsas) quanto ao número total de bolsas disponibilizadas (BRASIL, 2016).

De acordo com Rosemberg (2005), as estatísticas educacionais brasileiras apontam, nas últimas décadas, uma expansão do sistema educacional e, de modo consistente, melhores indicadores para as mulheres que para os homens, independentemente de sua cor/raça, local ou região de residência e nível de renda familiar. No entanto, no ensino superior, as mulheres tendem a seguir carreiras consideradas de “menor prestígio”. Várias carreiras vêm se feminizando no Brasil (psicologia, odontologia, serviço social, enfermagem), enquanto que o gênero masculino se mantém intacta em outras, como as engenharias, onde a participação de



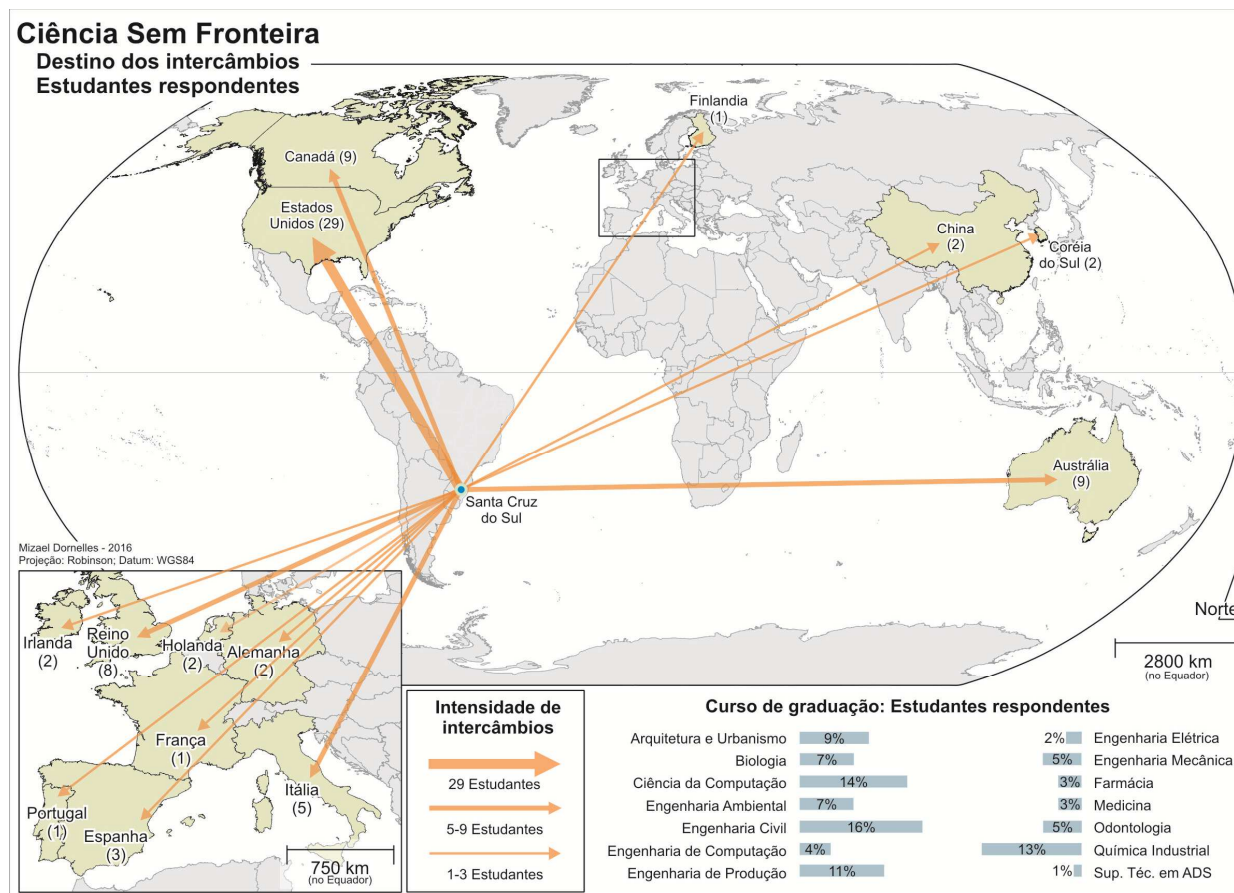
homens chega a ser superior a 50%. No programa CsF observamos uma participação maior de homens do que mulheres, especialmente nas engenharias e demais áreas tecnológicas, observando a necessidade de discussão mais aprofundada nessa área.

Para os 79 estudantes da UNISC que participaram do CsF durante o período de 2012 a 2015, os principais países de destino foram Estados Unidos (29 estudantes), Austrália (10 estudantes) e Canadá (9 estudantes). Os países que obtiveram menor participação foram Finlândia, França e Portugal, com a mobilidade de apenas um estudante para cada país. No contexto geral brasileiro, os principais destinos dos estudantes no CsF estão os EUA (27.821 bolsas), Reino Unido (10.740 bolsas) e Canadá (7.311bolsas) – (BRASIL, 2016).

Nesse sentido, observamos um interesse particular dos estudantes pela língua inglesa, vista como uma espécie de língua universal, sendo os países anglofônicos os principais destinos dos estudantes em mobilidade internacional (OCDE, 2006). Além disso, como os estudantes tiveram de passar por uma prova de conhecimentos do idioma do país de destino, a maioria teve melhores resultados com a língua inglesa.



Mapa 1 – Destino dos intercâmbios dos estudantes respondentes



Fonte: Elaborado por Mizael Dornelles. Dados coletados, 2016.

VIII Seminário Internacional sobre

Desenvolvimento regional

Territórios, redes e
Desenvolvimento Regional:
Perspectivas e Desafios



Programa de Pós-Graduação
Desenvolvimento
Regional
mestrado e doutorado



Quanto ao fluxo geográfico, a circulação dos acadêmicos da UNISC em países estrangeiros não apresenta um caráter heterogêneo, havendo, claramente, entre os estudantes uma preferência por países da América do Norte, como os Estados Unidos e o Canadá.

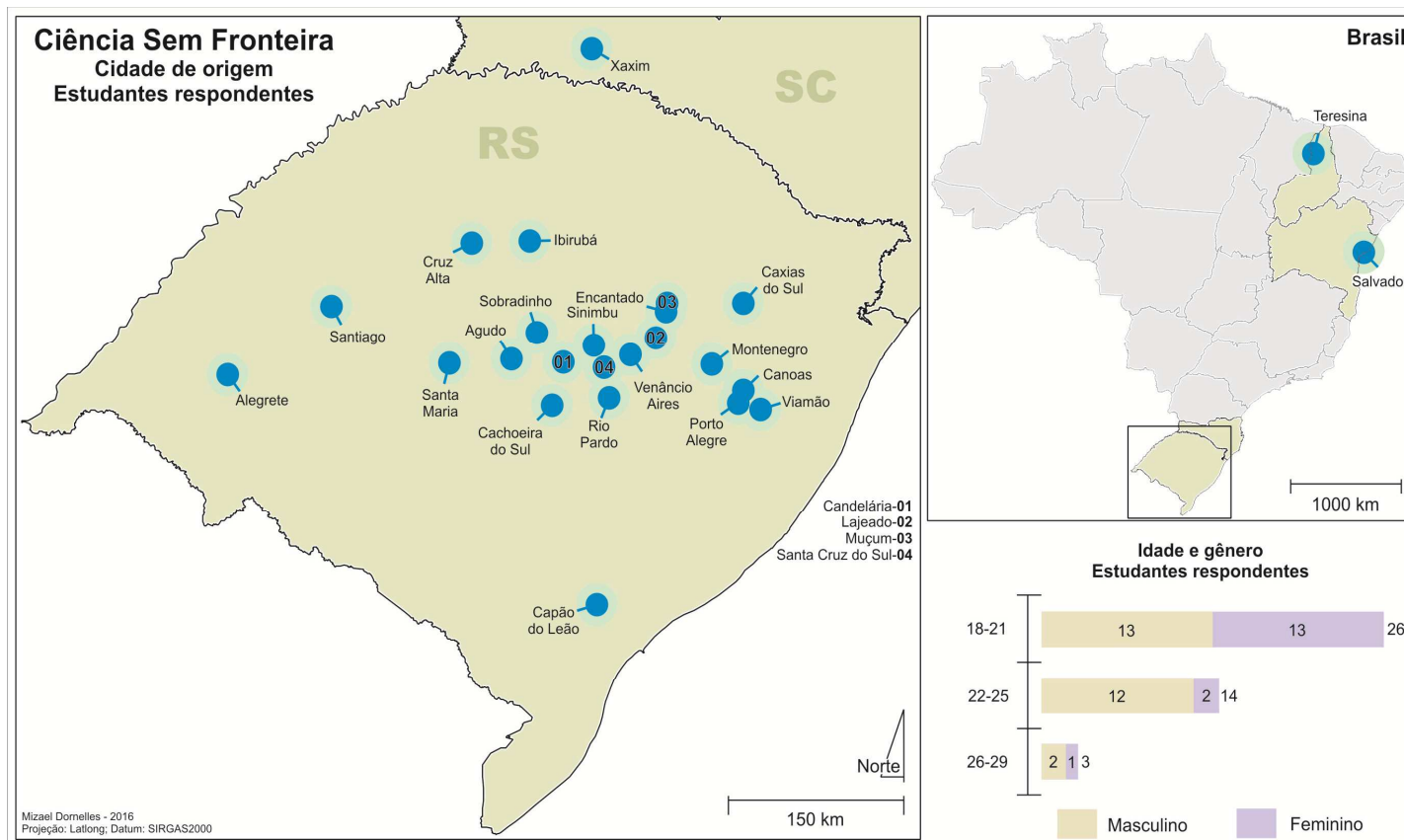
A OCDE (2006) divulgou dados que evidenciam que a maioria de jovens matriculados em instituições universitárias fora de seus países de origem encontra-se nos Estados Unidos (28%), seguido por países europeus como Reino Unido (12%) e Alemanha (11%).

Os países europeus, com destaque para os países da Europa Ocidental também atraem os participantes, mas em menor escala. A questão do idioma do país de destino parece não exercer uma influência significativa, uma vez que entre os entrevistados a presença de estudantes brasileiros em países de língua portuguesa foi pouco observada.

Em relação as cidades de origem dos respondentes, percebemos que a maioria dos estudantes universitários tem sua origem em municípios que compõem as regiões do Vale do Rio Pardo e Taquari, com a exceção de alguns estudantes provenientes de outros municípios do estado e de outras regiões do país. Contudo, no momento do intercâmbio, estes residiam ou se deslocavam regularmente para o município de Santa Cruz do Sul, onde se localiza o campus geral da UNISC, conforme pode ser percebido do mapa temático abaixo:



Mapa 2 – Cidade de origem dos estudantes respondente



Fonte: Elaborado por Mizael Dornelles. Dados coletados, 2016.



Os dados coletados evidenciam que a mobilidade internacional com fins educacional ganha cada vez mais força em determinados meios sociais, sendo particularmente acentuada entre as classes médias.

Entre os acadêmicos participantes, percebemos que a grande maioria concentra uma renda bruta familiar entre 1 a 5 salários mínimos, sendo que a experiência da mobilidade se constitui enquanto uma numa “nova forma de consumo educativo”. É importante observar ainda que mais da metade dos acadêmicos se beneficia de programas governamentais de acesso ao ensino universitário privado, como FIES e PROUNI.

Em relação ao curso de graduação, os dados evidenciam que há desigualdades na participação de estudantes da UNISC dos diferentes cursos e áreas no programa de intercâmbio CsF. Cabe aqui mencionar que determinadas áreas são consideradas prioritárias pelo programa, como as engenharias e tecnológicas, por exemplo. Essas áreas tiveram uma presença mais acentuada dos participantes nas atividades universitárias de mobilidade internacional da UNISC. As entrevistas semiestruturadas, etapa posterior da pesquisa, poderão investigar, com maior profundidade, as razões desse fenômeno.

Desde o princípio do CsF, tanto a Capes quanto a CNPq instruíram as universidades que o programa era destinado às áreas da tecnologia, ciências da saúde, ciências exatas e da terra. Por isso, os cursos de graduação da UNISC que se destacaram pela participação de estudantes no programa de mobilidade internacional do CsF foram Engenharia Civil (13 estudantes), Ciência da Computação (11 estudantes), Química Industrial (6 estudantes) e Engenharia da Produção (8 estudantes). Na UNISC, não houve nenhum estudante da área de ciências humanas ou licenciatura que tenha participado do programa, isso se justifica pelo fato de que essas áreas não foram delimitadas enquanto prioritárias durante o desenvolvimento do programa.

Já em relação à participação em programas do Governo Federal de acesso ao ensino superior privado, percebemos que do total de 79 estudantes participantes do CsF, 20 destes estudantes possuíam FIES e 19 possuíam PROUNI.

A partir do formulário de perguntas abertas e fechadas, enviado aos estudantes por e-mail via *Google Docs*, foi possível identificar que dos 43 respondentes, 26 estudantes (60% do total de respondentes) saíram do país pela primeira vez através do CsF, o que demonstra a importância desse programa para o contato de estudantes com países estrangeiros.



Visto isso, quando questionados se o intercâmbio foi importante para o desenvolvimento pessoal, a totalidade dos 43 entrevistados identificou de forma positiva. Junto a isso, identificamos que a totalidade dos entrevistados revelou ter interesse em realizar outra experiência internacional, evidenciando que a partir da experiência de mobilidade as formas de migração se amplificam entre os jovens.

Observamos que desses 43 respondentes, 23 estudantes (53,5% do total) sentem-se satisfeitos com a cidade de residência atual contra 20 estudantes (46,6% do total) insatisfeitos. Isso pode ser observado na fala de uma estudante de 21 anos que realizou intercâmbio na cidade de Toronto, no Canadá, em que relata ter enxergado o quão distante nós estamos de ser uma cidade que dá total suporte para o cidadão em questão de transporte público, saúde, educação e principalmente aceitação de diferenças culturais.

Sobre o intuito do programa de trazer melhorias para o Brasil, 35 estudantes (88,5% dos 43 respondentes) acreditam que a participação no CsF contribuirá com o desenvolvimento científico e tecnológico no Brasil. Em contrapartida, 8 estudantes (12,5% dos respondentes) discordam desta afirmação, como pode ser evidenciado nos relatos de estudantes no texto que segue.

6 Trajetória profissional e acadêmica pós-intercâmbio

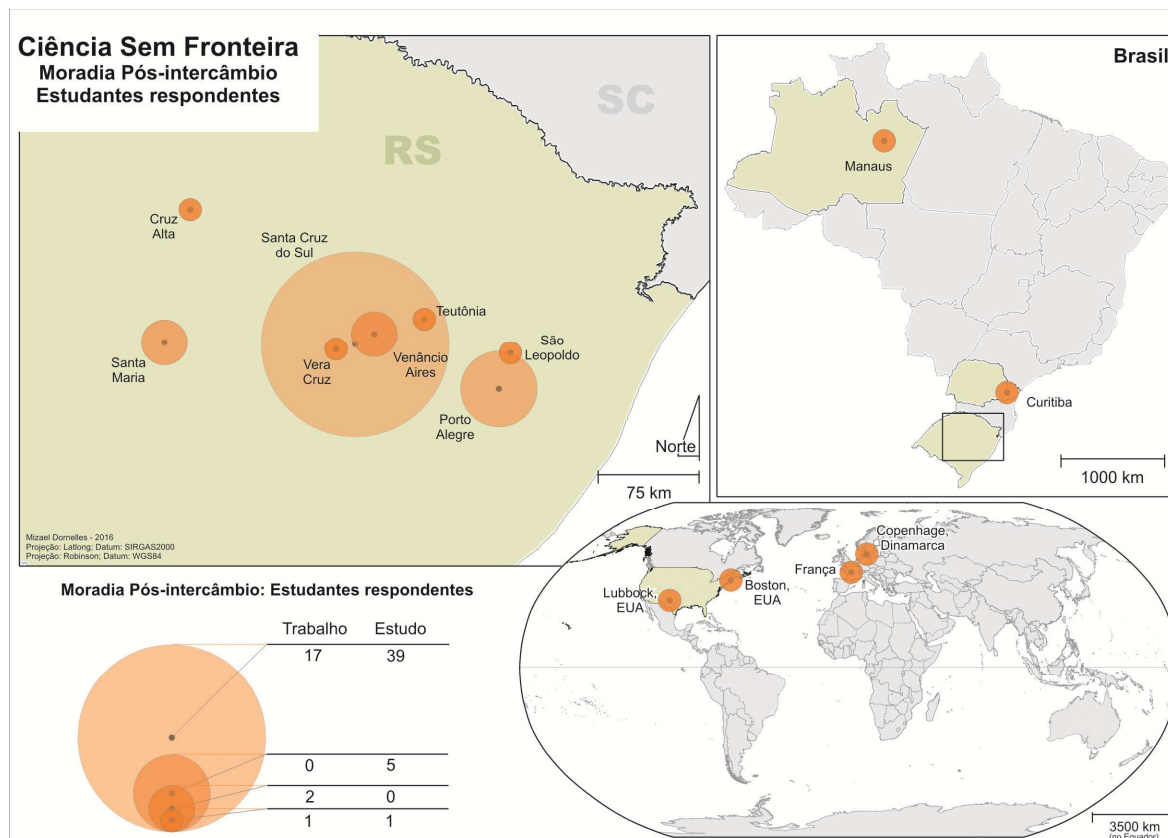
Após a aplicação dos formulários e a realização das entrevistas semiestruturadas, surgiu o interesse de maior conhecimento sobre a trajetória profissional e acadêmica da totalidade dos jovens que participaram do CsF pela UNISC. Por isso, foi feita uma análise de dados preliminares obtida por meio dos 43 respondentes do formulário inicial de pesquisa. Para esses respondentes acompanhamos especialmente o processo de moradia pós-intercâmbio, ilustrado no mapa temático apresentado abaixo.

Em Santa Cruz do Sul, do total de estudantes participantes do CsF pela UNISC, 17 residem na cidade e estão inseridos no mercado de trabalho local, sendo que 9 destes trabalham em empresas multinacionais, principalmente, principalmente ligados ao setor do tabaco.

A respeito das empresas de caráter multinacional, outros 2 participantes do CsF pela UNISC também estão inseridos nesse mercado de trabalho, sendo um em Venâncio Aires e outro em Curitiba.



Mapa 3 – Moradia pós-intercâmbio dos estudantes respondentes



Fonte: Elaborado por Mizael Dornelles. Dados coletados, 2016.



Na sequência, optamos por realizar uma busca dos demais estudantes que não responderam a pesquisa, com o intuito de mapear o conjunto dos 79 participantes do programa CsF, considerando o momento pós-intercâmbio, cidade atual, mercado de trabalho e trajetória acadêmica.

No primeiro momento, foi realizada uma busca na página disponível para os serviços acadêmicos do site da UNISC – onde é possível procurar qualquer estudante que esteja matriculado na instituição, seja na graduação ou pós-graduação.

Em seguida, os estudantes não localizados nas matrículas da UNISC foram buscados concomitantemente na sistema Lattes do CNPq, bem como na rede virtual de negócios e mercado de trabalho *LinkedIn* e na rede social virtual *Facebook*.

A partir dessas buscas, observamos que do total de 79 estudantes da UNISC que participaram do CsF, 39 ainda estão cursando a graduação, sendo que 1 estudante desse total deu continuidade ao ensino superior em uma universidade de Porto Alegre.

Do total de estudantes formados, 9 estão inseridos em programas de pós-graduação. Um destes acadêmicos prosseguiu os estudos de pós-graduação na UNISC. Em contrapartida, os outros 8 estudantes migraram para outras regiões do Brasil e exterior, como a capital Porto Alegre, Amazonas e até mesmo no exterior, como Boston, nos Estados Unidos, e Copenhague, na Dinamarca. Assim, em relação a questão da moradia, 4 estudantes do total de 79 residem no exterior atualmente. Além dos Estados Unidos e Dinamarca, inclui-se também a França.

Dos formados que ficaram no Brasil, muitos já efetivaram outras mobilidades dentro do país, mudando de cidade por motivos de trabalho ou retornando à cidade de origem. No Rio Grande do Sul, cerca de 10 pessoas migraram para cidades como Porto Alegre, Santa Maria, Vera Cruz, Venâncio Aires, Teutônia, Cruz Velha e São Leopoldo. Mas desses que ficaram na região, a grande maioria está inserido em empresas multinacionais que desenvolvem atividades, especialmente ligadas ao setor tabagista e ou interligadas ao mercado de trabalho regional.

7 Considerações finais

Em linhas gerais, através da coleta de dados foi possível analisar o perfil socioeconômico dos participantes. Quase 63% dos estudantes participantes são do



sexo masculino, sendo que metade destes estuda nas áreas das Engenharias. A idade média dos participantes é de 22 a 25 anos e a maioria estudou em escola pública, tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio. A renda do grupo familiar gira em torno de R\$ 788,00 a R\$ 3.940,00 reais.

Uma parte dos estudantes deste grupo que já finalizaram a graduação busca, atualmente, se estabelecer em locais onde essa qualificação tende a ser mais valorizada, e alguns jovens migraram para grandes centros ou outros países. Em relação à experiência da mobilidade, a totalidade dos estudantes observou que a experiência contribui para o desenvolvimento pessoal e profissional.

Os resultados deste estudo permitem refletir sobre o tema e alguns aspectos particulares podem ser observados quando pensamos o território regional, especialmente a partir da experiência pós-intercâmbio. Os investimentos em ciência e tecnologia, e a tendência de atração e retenção dos jovens pós-mobilidade internacional seriam maiores nas chamadas *regiões concentradas*, tendo em vista que nessas regiões as forças produtivas estariam mais desenvolvidas. Assim, a experiência da mobilidade internacional e o desenvolvimento sócio-profissional a ela associados tendem a ser (re)aproveitados pelas *regiões concentrada*. Se em termos pessoais a experiência é libertadora para os jovens e os coloca em contato com outros estilos de vida e de viver, a experiência profissional e os projetos de mobilidade futura destes tendem a levá-los para regiões que (re)produzem as desigualdades socioespaciais em ciência e tecnologia entre as diferentes regiões brasileiras.

Por último, sublinhamos a carência de mecanismos de análise para avaliar os resultados efetivos resultantes da mobilidade internacional de jovens universitários. Isto é, quais as possibilidades de retorno para a sociedade e territórios de origem que o CsF pode proporcionar. Embora seja impossível medir com precisão o “resultado” do CsF, e mais ainda seus efeitos no território, a presença de jovens brasileiros em universidades estrangeiras pode ser entendida como uma importante proposição para a construção de um outro Brasil. Efetivamente o território de origem dos jovens universitários não recebe um efeito direto, que possa ser verificado em curto prazo, com o retorno dos estudantes.

VIII Seminário Internacional sobre

Desenvolvimento regional

Territórios, redes e
Desenvolvimento Regional:
Perspectivas e Desafios



Programa de Pós-Graduação
**Desenvolvimento
Regional**
mestrado e doutorado



Referências

BRASIL. PAINEL DE CONTROLE DO CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS. 2016. Disponível em: <<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/painel-de-controle>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

GIL, A. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 4.ed. Atlas: São Paulo, 2009.

MOSER, Ana Cláudia; THEIS, Ivo Marcos. *Investimento em C&T e desigualdades socioespaciais no Brasil*. Tempo Social, Revista de Sociologia da USP, v. 26, n.2. 187-207p.

OCDE. *Higher Education: Quality, Equity and Efficiency*. Athens, 2006.

ROSEMBERG, Fúlvia. *Desigualdades de raça e gênero no sistema educacional brasileiro*. Trabalho apresentado no Seminário Internacional "Ações afirmativas nas políticas educacionais brasileiras: o contexto pós-Durban". Brasília, 20 a 22 setembro 2005. Disponível em: <<http://www.diversidadeducainfantil.org.br/PDF/DESIGUALDADES%20DE%20RA%C3%87A%20E%20G%C3%8ANERO%20NO%20SISTEMA%20EDUCACIONAL%20BRASILEIRO%20-%20F%C3%BAlvia%20Rosemberg.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, María Laura. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006. 473 p. ISBN 978-85-01-05939-0

UNISC. A UNIVERSIDADE. Disponível em: <<http://www.unisc.br/pt/home/a-universidade>>. Acesso em: 10 jan. 2017.